

AS ACADEMIAS DE ATIVIDADES FÍSICAS E AS PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS: UM ESTUDO DE CASO.

BEATRIZ CARVALHO JAYME ESPÍNDOLA

Monografia apresentada para
conclusão do curso de
especialização em Atividade
Motora Adaptada pela
Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de
Campinas.

UNICAMP

CAMPINAS - BRASIL

2001



AS ACADEMIAS DE ATIVIDADES FÍSICAS E AS PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS: UM ESTUDO DE CASO.

BEATRIZ CARVALHO JAYME ESPÍNDOLA

ORIENTADOR: PROF. DR. EDISON DUARTE

Monografia apresentada para
conclusão do curso de
especialização em Atividade
Motora Adaptada pela
Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de
Campinas.

UNICAMP

CAMPINAS – BRASIL

2001

Dedico esse trabalho aos meus avós que sempre me motivaram a estudar.

À minha mãe, que por ser vitoriosa me deu o seu apoio.

Ao meu marido e meus filhos que sempre me incentivaram.

Vocês são muito importantes para mim, obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a esta inspiração Divina, que guardou-me neste trajeto pequeno de minha vida.

Meus agradecimentos aos meus amigos e colegas na profissão, por terem colaborado com todas as informações deste trabalho.

Em especial ao meu orientador e professor Edison Duarte e a professora Maria da Consolação G. C. F. Tavares pela dedicação, sucesso, empenho e carinho nesta área da Atividade Motora Adaptada.

Que Deus abençoe a todos nós.

RESUMO

Nos últimos anos, a atenção com as pessoas portadoras de necessidades especiais, está se tornando mais evidente.

Vemos que, através da história as pessoas portadoras de necessidades especiais têm aos poucos ocupado o espaço de cidadãos que são. E como todo cidadão têm direitos: à cultura, educação, trabalho, lazer e esporte.

Com tudo isso acontecendo, tentamos relacionar as Academias de Atividades Físicas, que é um segmento que vem crescendo em nossa sociedade consumista, e as pessoas portadoras de necessidades especiais, que como cidadãos, podem ser produtivos, ter o seu trabalho, podendo também usufruir deste espaço tão privilegiado em busca de melhor qualidade de vida.

Entrevistamos 10 coordenadores e proprietários de Academias de Atividades Físicas, entre locais que trabalhassem ou não com as pessoas portadoras de necessidades especiais.

Os resultados nos mostram que há pouca procura por parte das pessoas portadoras de necessidades especiais; há falta de preparo dos professores de Educação Física na área da Atividade Motora Adaptada e as Academias precisam adaptar-se para recebê-los e divulgar mais o trabalho, incluindo as pessoas portadoras de necessidades especiais em seus objetivos.

Concluindo, ainda nota-se a exclusão bem presente e o processo de inclusão ainda muito lento no contexto das Academias de Atividades Físicas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
SUMÁRIO.....	ii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. A expansão das Academias de Atividades Físicas.....	4
2.2. A pessoa portadora de deficiência na sociedade – inclusão.....	7
3. METODOLOGIA.....	15
3.1. Questões para a entrevista semi estruturada.....	16
4. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS.....	18
5. DISCUSSÃO – CONCLUSÃO.....	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ABSTRACT.....	28
ANEXO 1.....	29
ANEXO 2.....	38
ANEXO 3.....	39

1.INTRODUÇÃO

Nestes anos de formados, em que atuamos em Academias de Natação e Ginástica em Campinas e Região, tivemos oportunidades de poder trabalhar com pessoas portadoras de necessidades especiais, mas sempre sem o respaldo e adaptações necessárias para este trabalho crescer e se firmar. Muitas dificuldades e obstáculos foram passados ou até mesmo lentamente amenizados pelo tempo.

Com este trabalho objetivamos verificar nos dias de hoje, em pleno início de século e milênio, onde a tecnologia e os sinais de Modernidade estão em todos os lugares, a relação entre as pessoas portadoras de necessidades especiais e as Academias de Atividade Física.

Será mesmo que todos estes discursos que as Academias estão propondo: a Saúde acima de tudo; a Qualidade de vida é o mais importante; o Combate ao stress, incluem ou excluem as pessoas portadoras de necessidades especiais?

Hoje em dia, nota-se que as academias de atividade física, vêm se constituindo em um espaço social privilegiado para a prática de atividades corporais. E porque não explorar esta nova situação, trabalhando sem discriminação e respeitando a individualidade de cada um?

RIBAS (1985) nos dá a entender que essa situação de discriminação e abandono que as pessoas portadoras de necessidades especiais sofrem e sofriam vem mudando enormemente. E os próprios portadores de deficiência foram um fator decisivo para essa mudança. Hoje, é ponto pacífico o direito das pessoas portadoras de deficiência às oportunidades de lazer, recreação e esportes como parte do seu desenvolvimento ou bem-estar integral. Porém, não mais separadamente da população geral. Priorizam-se

hoje as atividades que juntem pessoas deficientes e pessoas sem deficiência. São as chamadas atividades integradas (quando a pessoa com deficiência consegue participar de atividades não adaptadas) e atividades inclusivas (quando a sociedade adapta seus programas para incluir as pessoas deficientes).

Segundo o Sindesporte de Campinas, atualmente existem 207 estabelecimentos cadastrados que atuam como academias de atividade física na cidade.

As evidências destes fatos nos permitem afirmar que as Academias de Atividade Física constituem-se, hoje em dia, num centro social e de lazer que vem atender a múltiplas demandas do indivíduo. Embora sua matriz seja o culto ao corpo, fica claro que, pela atual estrutura das academias e de suas ofertas, a intencionalidade já não se reduz somente ao corpo físico(estético).

As solicitações dos usuários e as respostas dessas instituições extrapolam a dimensão atlética, e dão uma idéia de ação mais integrada entre corpo e mente, e entre indivíduo e grupo, condizente com a idéia de bem estar.

Elas constituem-se num espaço de efetivação do estilo de vida esportivo moderno, superando o modelo do clube esportivo tradicional.

Após esta introdução, faremos uma revisão de literatura, contando um pouco da história das Academias de Atividades Físicas no Brasil e falaremos sobre o processo de inclusão, dentro do contexto da realidade das pessoas portadoras de necessidades especiais, em específico pessoas com deficiências: física, mental, visual e auditiva.

Em seguida como metodologia, caracterizaremos que tipo de Pesquisa estaremos utilizando quanto a sua aplicabilidade, quanto as suas tendências paradigmáticas e seu delineamento.

Apresentaremos as questões utilizadas nas entrevistas semi estruturadas e os procedimentos adotados.

Como resultados e análise dos dados, faremos um resumo das entrevistas coletadas, colocando as idéias principais de cada questão, aplicada em todas as Academias de Atividades Físicas visitadas.

Após isso, com os resultados obtidos, faremos uma discussão e daremos uma conclusão.

2.REVISÃO DE LITERATURA

2.1.A expansão das Academias de Atividades Físicas.

Segundo CASTELLANI (1988) a história da Educação Física no Brasil confunde-se em muitos dos seus momentos com a dos militares. A Educação Física no Brasil desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, saudável, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. Contudo esse entendimento, que levou por associar a Educação Física à Educação do Físico, à Saúde corporal, não se deve exclusivamente e nem tão pouco prioritariamente, aos militares. A eles, nessa compreensão, juntavam-se os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social. Ao assim procederem, ao tempo em que denunciavam os malefícios da estrutura familiar do período colonial, auto proclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da “nova” família brasileira. Importante se faz ressaltar, a percepção de que “... a ação desta pedagogia médica, extravasou os limites da saúde individual”.

O mesmo autor diz ainda que a higiene, enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também sua feição social. Foi portanto, para dar conta de suas atribuições, que os higienistas lançaram mão da Educação Física, definindo-lhe um papel de

substancial importância, qual seja, o de criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente. Porém ao assim fazê-lo, serviu também para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a eles ligados.

CAPINUSSÚ e PEREIRA da COSTA (1989) dizem que, em meados do século 19, começaram a aparecer na Europa as academias de ginástica, ou como também eram conhecidas, os ginásios.

No Brasil, as academias surgiram por volta de 1920. Por volta de 1975, é que veio a ocorrer o “boom das academias”. O surgimento das primeiras academias de ginástica no país, ocorreu à época da primeira grande tentativa de modernização social neste século, também ocorrida por volta de 1920. Do mesmo modo, o “boom das academias de ginástica”, aconteceu ao mesmo tempo em que o Brasil promovia uma arrancada desenvolvimentista e tecnológica, que apresentou reflexos imediatos no consumo, nos meios de comunicação de massa e nos costumes. As academias de ginástica, representam, como requer a sociedade moderna, um espaço tecnológico de formação e preservação do corpo.

Segundo PEREIRA (1996), inicialmente, as academias eram protótipos menores de clubes e centros desportivos, com atendimento personalizado e com poucos alunos. Normalmente, o proprietário era o próprio professor e o espaço para a prática restringia-se a uma sala.

Afirma ainda que o professor de Educação Física, formado e competente, os médicos desportivos, a implantação da avaliação morfo-funcional, a orientação nutricional, o ambiente físico, com barras, caneleiras, bicicletas ergométricas, esteiras computadorizadas, música específica para ginástica e o “barzinho” com bebidas e comidas saudáveis, constituem os recursos(atrativos) tecnológicos próprios e adequados

para o cuidado com o corpo e com a mente legitimados pela sociedade moderna, tecnológica e de consumo. As academias de ginásticas não se limitaram a apenas oferecer serviços em atividades corporais, havendo um mercado diversificado para atender os interessados nas diversas atividades oferecidas por elas.

O mesmo autor ainda diz que diante do grande desenvolvimento tecnológico, as oportunidades do homem atual se exercitar são cada vez menores, contribuindo para o surgimento de um número cada vez maior de academias, numa tentativa de suprir a carência que as pessoas têm para exercitar-se de forma adequada e orientada. Já em 1996, eram mais de 18000 academias espalhadas pelo Brasil, apesar de um grande número delas não apresentarem infraestrutura física satisfatória para atender as necessidades do usuário em termos de vida comunitária e atividades físicas adequadas. A autora afirma ainda que existem academias com ausência de profissionais capacitados, pessoas leigas em Educação Física, ex-atletas sem formação universitária, e professores desatualizados ou despreparados em relação à sua atuação ministrando aulas. Alguns cursos superiores de Educação Física insistem em ignorar a importância da atividade física nas academias, sob o ponto de vista de saúde, educacional e centro de pesquisa.

Segundo LARIZZATTI (1999), as atividades físicas são benéficas, tanto para indivíduos ditos normais, como para as PPD (feito de forma adequada, respeitando as individualidades de cada um) podendo trazer a saúde de todas as pessoas.

Para AUXTER (1992), as atividades físico-motoras são fundamentais para qualquer pessoa. Dá-nos a entender que para as PPD, essa necessidade se dá em maior grau, pois em geral, elas fazem menos atividades físicas, em comparação com a população de indivíduos normais. Para o autor, as atividades físicas teriam em geral três propósitos: 1- promover e manter a saúde; 2- desenvolver os pré-requisitos para uma máxima

performance possível, para as habilidades envolvidas no viver diário; 3- desenvolver os pré-requisitos para o lazer e habilidades esportivas. Respeitando as diferenças individuais, dosando os exercícios com relação a intensidade, frequência, volume, duração, repetição, etc.

NETO e NOVAES (1996) em seu livro “Ginástica de Academias”, mostram os objetivos da atividade física (ginástica) em vários períodos:

Década de 30 = estético-corretivo postural;

Década de 40 = estético-corretivo/ recuperativo-respiratório;

Década de 50 = estético-corretivo-respiratório/ fisiológico, educativo e social;

Década de 60 = estética/ higiene mental;

Década de 70 = estética/ saúde-física/ mental;

Década de 80 = saúde-obtenção/ manutenção/ estética corporal;

Década de 90 = melhora da qualidade de vida/ estética corporal.

Como podemos observar a estética está presente em todos os momentos da história da ginástica, mas também não podemos esquecer que as pessoas portadoras de necessidades especiais podem também procurar as academias, por motivos estéticos, por desejar uma melhoria num aspecto do seu corpo que julgue estar feio.

2.2.A pessoa portadora de deficiência na sociedade – inclusão.

Segundo SILVA (1987) desde a antiguidade havia dois tipos de atitude para com as pessoas doentes, idosas ou portadoras de deficiências: uma de aceitação, tolerância, apoio, e assimilação, e uma outra de eliminação, menosprezo ou destruição. Somente a partir da Idade Média que fatos importantes começam a surgir onde grandes

personalidades portadoras de deficiência serviam de exemplo demonstrando suas capacidades e habilidades, integrando-se ao mercado de trabalho, e tendo reconhecimento que muitos ditos “normais” não possuíam. No entanto somente os membros da burguesia tinham acesso a maior assistência, as PPD da classe baixa continuavam marginalizados e discriminados. O que acontece ainda hoje no Brasil.

Em 9 de dezembro de 1975, durante a Assembléia Geral da ONU, foi aprovada a Declaração dos Direitos das Pessoas que proclama em seu artigo I :

“O termo “pessoas deficientes” refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais”.

RIBAS (1985), diz que ser deficiente, antes de tudo é não ser “capaz”, não ser “eficaz”. Em todas as sociedades a palavra “deficiente” adquire um valor cultural segundo padrões, regras e normas estabelecidas no bojo de suas relações sociais. Um corpo deficiente seria, um corpo que apresenta necessariamente disfunções, incapacidades e não estaria em ordem, logo não poderia alcançar o progresso tão desejado, será um corpo fadado a não ter realizações, não ter progressos, a ser sempre dependente. A nível da natureza todos nós, seres humanos apresentamos características diferentes uns dos outros. As pessoas deficientes têm as suas diferenças mais notáveis, portadoras de seqüelas diferenciadoras. Estas diferenças biológicas não podem ser transportadas para as diferenças sociais, as quais são construídas culturalmente pela organização social forjada pelos homens. São estas diferenças sociais que fabricam mecanismos de exclusão e de tentativa incoerente de integração social e que também os fazem ser

considerados “diferentes” e construir um mundo próprio, na medida em que não se encaixam e não se reconhecem neste mundo que também é deles.

Segundo GLAT (1995) desde que os primeiros homens surgiram na face da Terra, tem persistido o processo que Darwin denominou de seleção natural – sobrevivência do mais dotado – em que apenas os mais fortes e mais capazes de lidar eficientemente com meio ambiente sobrevivem, enquanto que os mais

fracos e menos dotados e menos eficientes (ou deficientes) perecem.

Nos primórdios da humanidade esse processo selecionava basicamente em função da capacidade física: força, agilidade, destreza, raciocínio concreto, etc. O homem, uma vez inserido na sociedade, é dependente dos estímulos provenientes das relações sociais para ter um bom desenvolvimento global .

GOFFMAN (1987) afirma que a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e os atributos que são considerados comuns e naturais para determinar os membros de cada uma das categorias.

E que segundo MANTOAN (1984), categorias estas que são entendidas como um conjunto de instituições compostas por membros ditos “normais”, e que são sempre considerados como sendo ajustados, adaptados, eficientes.

Segundo GOFFMAN (1982), BECKER e ARNOLD(1986), STAFFORD e SCOTT (1986), GLAT (1989,1991), OMOTE (1994) e outros, toda sociedade tem mecanismos de controle social para garantir que a maioria de seus membros se encaixem com as normas estabelecidas.

Aqueles que, por características físicas ou comportamentais, não podem se conformar, ou que violam as leis e normas sociais não são reconhecidos como membros efetivos do corpo social, tornando-se indivíduos estigmatizados e marginalizados.

Segundo GLAT (1995) o deficiente viola a própria norma física do que é um ser humano. Ele contraria a representação ou imagem corporal do homem. Em suma, os indivíduos desviantes, que por alguma razão, não conseguem se adaptar às normas ou valores da cultura vigente em sua comunidade que não sobrevivem, portanto à “seleção social”, são considerados anormais, e conseqüentemente, isolados e marginalizados.

Assim segundo MANTOAN (1984), as PPD não correspondem às suas normas e, em função dessa dissonância precisam ser cuidadas, reeducadas, readaptadas, reabilitadas para se inserirem no contexto em que vivem.

Segundo PALLA (2001), os processos de preconceito, discriminação e rotulação que ocorrem com maior ou menor força em diferentes culturas, caminha para uma nova tendência onde os grupos que são segregados, como ocorre com as PPD, passam gradualmente a adquirir a igualdade de direitos, como é o caso do movimento para a inclusão social de todos. Infelizmente essa é a realidade de poucos países. Quando se observa um pouco da história fica evidente essa categorização e diferenciação das PPD como “diferentes”.

SASSAKI (1999) afirma que, a sociedade em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a exclusão social de pessoas que, por causa das condições atípicas, não lhe pareciam pertencer à maioria da população. A idéia de integração surgiu para derrubar a prática da exclusão social a que foram submetidas as pessoas deficientes por vários séculos. A exclusão ocorria em seu sentido total, ou seja, as pessoas portadoras de deficiência eram excluídas da sociedade para qualquer atividade porque antigamente elas eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes para trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todos que tivessem alguma deficiência. As instituições foram se

especializando para atender pessoas por tipo de deficiência. Assim a segregação institucional continuou sendo praticada. A idéia era a de prover, dentro das instituições, todos os serviços possíveis já que a sociedade não aceitava receber pessoas deficientes nos serviços existentes na comunidade. A década de 60, por exemplo, testemunhou o “boom” de instituições especializadas, tais como: escolas especiais, centros de habilitação, oficinas protegidas de trabalho, clubes sociais especiais, associações desportivas especiais. Mais ou menos a partir do final da década de 60, o movimento pela integração social começou a procurar inserir as pessoas portadoras de deficiência nos sistemas sociais gerais como a educação, o trabalho, a família e o lazer.

Segundo PALLA (2001), com o desenvolvimento da civilização e os avanços tecnológicos e científicos tornou-se possível para a sociedade cuidar de maneira mais sistemática de seus membros menos capazes.

Ainda segunda a autora, afirma que, o quadro começa a mudar a partir do momento que as pesquisas trazem avanços na área da medicina e reabilitação física. As primeiras organizações de amparo aos deficientes foram construídas no Brasil por volta de 1950. A partir deste momento, até os dias atuais, a situação geral das PPD não sofreu alterações significativas, principalmente se levarmos em conta a situação sócio - econômica do país. A maioria da população, grande parte em estado de pobreza, vive em condições precárias de alimentação, higiene, saneamento básico, moradia, havendo carência nos sistemas públicos de saúde, educação, habitação e outros setores, o que contribui para proliferação de doenças, atrasos no desenvolvimento físico e intelectual, entre outros, o que favorece o aumento da população portadora de algum tipo de deficiência.

Apesar de todos os problemas de infra-estrutura enfrentados pela população em diferentes países, a busca de direitos iguais e de uma sociedade inclusiva, com igualdade de oportunidades vem tomando força em todo o mundo. Grandes e pequenas modificações vêm sendo feitas em setores como escolas, empresas, áreas de lazer, edifícios e espaços urbanos, para que as pessoas portadoras de deficiências tenham a oportunidade de participar com igualdade de condições com a população em geral. Com isso, essa prática aos poucos vem ocupando o lugar da segregação e da exclusão de pessoas consideradas diferentes da maioria da população.

SASSAKI (1999) afirma que, ainda hoje vemos a exclusão e a segregação sendo praticadas em relação a diversos grupos sociais vulneráveis, em várias partes do Brasil assim como em praticamente todos os outros países, mas também vemos ao tradicional integração dando lugar, gradativamente à inclusão.

Segundo GLAT (1995), nas últimas décadas com o aparecimento da Educação Especial e áreas afins (reabilitação, fonoaudiologia e outras), e o desenvolvimento de próteses e aparelhagem compensatória, as PPD passaram a ter mais condições de lidar efetivamente com o meio ambiente. Grande parte do trabalho dos profissionais dessas áreas junto aos PPD consiste em lhes ensinar ou ajudar a adquirir habilidades e comportamentos adaptativos que lhes garantam uma maior independência e produtividade, visando como objetivo final a sua integração na vida comunitária.

Segundo SASSAKI (1999), o movimento de inclusão social começou incipientemente na 2ª metade dos anos 80 nos países mais desenvolvidos, tomou impulso na década de 90 também em países em desenvolvimento e vai se desenvolver fortemente nos primeiros 10 anos do século 21 envolvendo todos países.

Ainda segundo ele, conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Na proposta de uma sociedade inclusiva, SASSAKI (1997) evidencia que, cabe a sociedade eliminar todas as barreiras físicas, programáticas e de atitudes para que as pessoas com necessidades especiais possam ter acesso aos serviços, lugares, informações, e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. A prática da inclusão social repousa em princípios até então considerados incomuns, tais como: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana e a aprendizagem através da cooperação. A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte), nos procedimentos técnicos e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de deficiências.

Todo o processo de integração social começou com o processo dito de “normalização”.

Segundo MANTOAN (1997), “a normalização visa tornar acessíveis às pessoas socialmente desvalorizadas, condições e modelos de vida análogos aos que são disponíveis de um modo geral ao conjunto de pessoas de um dado meio da sociedade”.

Depois da fase de normalização veio o processo chamado de “mainstreaming” que, segundo SASSAKI(1999), é utilizado sem tradução e que significa levar os alunos o mais possível para os serviços educacionais disponíveis na corrente principal da comunidade.

Segundo SHEPHARD (1990), LOCKETTE e KEYES (1994), WINNICK (1995) e MILLER (1995), em geral a população de portadores de necessidades especiais, possuem baixa auto-estima, problemas de imagem corporal e depressão. Daí então, a importância das atividades físicas para esses indivíduos, para a melhoria da auto imagem, para aumento da motivação, e do bem-estar emocional.

3.METODOLOGIA

Pautaremos a nossa Metodologia segundo os autores: Faria Júnior (1992) Lima e Gomes (1994); Silva (1996); e Tavares (2000).

O nosso trabalho é caracterizado como uma Pesquisa Qualitativa, onde obtivemos dados de um pequeno número de casos sobre um grande número de variáveis, buscando uma compreensão da singularidade e da contextualidade dos fatos em questão.

Os princípios e características básicas deste tipo de pesquisa não reduzem o nosso conhecimento a apenas um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa, mas faz sim como observadores somos parte integrante do processo de conhecimento, interpretando os fenômenos e dando-lhes significado.

O objeto pesquisado por sua vez também não é um dado inerte e neutro, têm significados e relações que se criam em suas ações.

Neste tipo de pesquisa ainda, os sujeitos de estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte integrante de um todo, em seu contexto natural e habitual.

Como pesquisadores, somos envolvidos na vida dos sujeitos, visto que nossos procedimentos de pesquisa baseiam-se em conversar, ouvir, permitir a expressão livre dos interlocutores, criando um certo clima de informalidade, diminuindo o distanciamento entre nós pesquisadores e pesquisados. Nossa relação é dinâmica e constante durante todo o transcurso da pesquisa.

O aspecto que constitui um dado qualitativo é sua inserção num contexto naturalístico, ou seja fora de ambientes organizados artificialmente para a realização dos nossos estudos, fala-se então de uma “generalização naturalística”, ou seja as informações

obtidas ou fornecidas pela pesquisa originam-se a partir de como a experiência vivida do usuário esteja configurada.

Os instrumentos e técnicas utilizadas nesta pesquisa em questão, será aplicar uma entrevista semi-estruturada em 10 Academias de Atividade Física da cidade de Campinas, incluindo as Academias que só trabalhem com PPD.

A modalidade de estratégia empregada é um estudo de caso, onde observamos sem nenhuma intervenção.

O quadro de referência que serve para diferenciar ou comparar o modo de pensar das pessoas é do tipo crítico-dialético, isto é, para compreender é preciso estudar cada fenômeno em todos os seus aspectos, através do seu desenvolvimento. O enfoque dado ao nosso trabalho de pesquisa é sócio antropológico, isto é, questionamos a visão estática da realidade e expressamos um interesse transformador, resgatando a dimensão histórica do problema. Concluindo, esta pesquisa em relação a aplicabilidade que se espera com os resultados é do tipo de pesquisa aplicada: segundo suas tendências paradigmáticas é uma pesquisa qualitativa e segundo seu delineamento é um estudo de caso. Caracterizamos como pessoas portadoras de necessidades especiais somente o grupo de deficientes visuais, físicos, mentais e auditivos no nosso trabalho.

3.1.QUESTÕES PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA:

1-Objetivo da Academia?

2-Quais as atividades oferecidas?

3-Aceita alunos portadores de necessidades especiais?

4-Com qual tipo de necessidades especiais trabalha ou trabalhou?

5-Quais profissionais estão envolvidos com o trabalho com pessoas portadoras de necessidades especiais?

6-Que tipo de trabalho é feito ?

7-As instalações são adaptadas para portadores de necessidades especiais?

8-Que tipo de materiais são utilizados?

9-Tem alguma procura por pessoas portadoras de algum tipo de necessidades especiais?

10-Qual sua opinião sobre a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais nas Academias?

4.RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Começando o nosso trabalho de Estudo de Caso, separamos algumas Academias que achávamos que poderiam e desenvolviam trabalhos sérios, com responsabilidade e consciência, com bons profissionais e instalações adequadas e já com alguns anos atuando dentro do mercado das Atividades Físicas, em específico com Academias.

A princípio tentamos agendar por telefone em alguns estabelecimentos e tivemos dificuldades em conseguir um horário adequado, pois alguns proprietários ou coordenadores alegavam que teriam que deixar de atender ou até mesmo não tinham tempo e nem interesse em falar sobre este assunto, demonstrando medo e constrangimento com o assunto. Mudamos então de procedimento, passamos então a tentar visitar as Academias sem avisar previamente. Resultado, em alguns lugares fomos atendidos com muito carinho e em outros não éramos recebidos, alegando-se que não havíamos agendado com as pessoas responsáveis, lugares esses que já tínhamos tentado agendar por telefone. Conclusão não conseguimos. Partimos então novamente tentando agendar por telefone e abordando estabelecimentos onde tínhamos conhecidos e amigos. A partir daí começamos a obter informações e pelo menos sermos atendidos.

Apresentamos agora um resumo das questões colocadas na nossa entrevista:

Questão 1- Todas as Academias entrevistadas têm como objetivo oferecer um trabalho de condicionamento, aliada a prática de uma atividade desportiva e o movimento em si.

Questão 2- As atividade oferecidas na maioria, são atividades aquáticas (hidroginástica, natação e deep running); musculação; ginástica e dança.

Questão 3- Quase todas aceitam pessoas portadoras de necessidades especiais.

Questão 4- Alguns com Síndrome de Down, Deficientes Físicos e poucos com deficiência visual e auditiva.

Questão 5- Na maioria são professores de Educação Física e alguns fisioterapeutas.

Questão 6- Os trabalhos são desenvolvidos de acordo com as necessidades de cada um. Porém na maioria, as aulas são regulares, com alguns casos individuais, com trabalho específico quando o indivíduo ainda não se encontra reabilitado e adaptado.

Questão 7- Nenhuma Academia foi encontrada com instalações adaptadas para portadores de necessidades especiais.

Questão 8- Todas as Academias utilizam os mesmos materiais utilizados em aulas regulares.

Questão 9- Tem muito pouca procura ou quase nenhuma.

Questão 10- Todas consideram válida e importante a inclusão nas Academias, porém acreditam que ainda é muito difícil pelo fator do preconceito.

5.DISSCUSSÃO – CONCLUSÃO

Nesse nosso caminho trilhado, mesmo não tendo conseguido algumas entrevistas, percebemos que também nestes momentos haviam informações que eram importantes para a nossa pesquisa. Mostrou-nos como o estigma e a exclusão estão presentes com certa frequência quando o assunto é Atividade Motora Adaptada. Em alguns instantes, principalmente no começo de nossa pesquisa onde não conseguíamos acesso às informações, pensávamos que a discriminação já partia dos próprios proprietários das Academias de Atividades Físicas, mas conforme fomos caminhando, foram adquirindo novos aspectos e contornos. Pudemos constatar que a discriminação aparece também e está muito presente na parte social, na imagem ou até mesmo no marketing que é feito em cima dos trabalhos que são realizados nestes estabelecimentos. Notamos que os próprios objetivos que nos foram apresentados não são divulgados, e estas informações não chegam até as pessoas portadoras de necessidades especiais, fazendo com que estas não procurem os locais que dizem oferecer ou até mesmo aceitar trabalhar com esta clientela.

Também constatamos que, na maioria das entrevistas, a queixa maior é a não formação dos próprios Educadores Físicos e a falta de conhecimento com a área de Atividade Motora Adaptada.

Os próprios portadores de necessidades especiais por sua vez, também têm a sua parcela de responsabilidade. Responsabilidade esta que a própria sociedade divide com eles. Não procuram em muitos momentos, por falta de recursos, pois as mensalidades são muito elevadas e geralmente a maioria da população é de baixa renda. Também tem o transporte, que fica dificultado por necessitarem muitas vezes de transporte adequado,

principalmente os deficientes que se locomovem em cadeiras de rodas. Moram geralmente em lugares mais afastados dos centros e tudo fica mais dificultado. Mas não só o fator econômico é um fator importante, o psicológico também está presente. Sentem-se constrangidos e quando procuram por este serviço, acham que necessitam de aulas especiais, não querendo participar em cursos regulares, alegando para si mesmos, que não são capazes de serem eficientes. Mas afinal o que é ser eficiente? Precisamos respeitar as pessoas portadoras de necessidades especiais em sua individualidade, para não condenar uma parte delas ao fracasso e às categorias especiais. Somos seres humanos, únicos e singulares, e é injusto e inadequado sermos categorizados, a qualquer pretexto. Apresentamos dificuldades e falhas em nossos comportamentos e em áreas de nossa atuação, pessoal ou grupal, e nos aspectos de nosso desenvolvimento físico, social ou cultural. Construimos e somos capazes de nos adaptar facilmente ao meio desde que nos ofereçam condições e estímulos para isso. Nossos desafios são grandes e inúmeros. Mesmo que hoje em dia, no mundo “civilizado”, as pessoas portadoras de necessidades especiais não pereçam, nem sejam exterminadas, como antigamente, pode-se dizer que socialmente ainda o são. Pois, apesar de excluídas das responsabilidades sociais, também o são dos privilégios, vantagens e oportunidades, inclusive afetivas. Assim sob o ponto de vista da evolução, como afirmam alguns autores a princípio, o processo de seleção natural com o passar dos tempos tomou uma nova forma; de seleção natural física, passou a ser uma seleção “natural” social.

Precisamos e é imprescindível dominarmos bem os conceitos inclusivistas para que possamos ser participantes ativos na construção de uma sociedade que seja realmente para todas as pessoas, independentemente de sua cor, idade, gênero, tipo de necessidade especial e qualquer outro atributo pessoal.

Concordamos e somos solidários com Sassaki (1999), onde ele afirma que sob a ótica dos dias de hoje, a integração constitui um esforço unilateral tão somente da pessoa com deficiência e seus aliados (família, a instituição especializada e algumas pessoas da comunidade que abracem a causa da inserção social), sendo que estes tentam torná-la mais aceitável no seio da sociedade.

A integração pouco ou nada está exigindo da sociedade em termos de modificação de atitudes, de espaços físicos, de objetos e de práticas sociais.

Com certeza as Academias de Atividades Físicas são um espaço privilegiado, onde toda a sua infraestrutura está bem adequada para poder se desenvolver qualquer tipo de trabalho, com os mais variados objetivos. Embora haja ainda falta de profissionais com formação universitária como alguns autores afirmam, despreparados e que ignoram a importância da atividade física nas academias, como ganhos na saúde, educacional e até mesmo de pesquisa.

Esta escassez de profissionais sentida em Academias é importante, mas também há pouca preocupação na formação de educadores na área de Atividade Motora Adaptada.

Quanto ao termo “ser deficiente”, na nossa opinião deficiente todos somos, só passamos a ser mais eficientes a partir do momento em que procuramos através de nosso trabalho e de nossos aprendizados, ganharmos e experimentarmos situações novas, quer seja na parte emocional, física, educacional ou cultural, enfim tudo que faz parte de nosso dia a dia.

Sendo assim, o processo de inclusão deve partir do sistema educacional. Acreditamos que crianças portadoras de necessidades especiais trabalhando e convivendo com todas as outras ditas normais, quando adultos, serão menos preconceituosos e passarão a não

excluir, logo a inclusão se instalará naturalmente, proveniente da convivência e da troca de experiências desde a infância.

Também é importante ressaltar, que as pessoas com necessidades especiais que necessitam de reabilitação de profissionais especializados, se forem bem trabalhadas, isto é, levando-se em conta a parte física, emocional e psicológica, conseguirão se inserir dentro de uma vida normal. Assim você terá mesmo um indivíduo reabilitado.

A situação em que atravessa o Brasil, está favorecendo o aumento de pessoas com algum tipo de necessidade especial.

O nosso sistema de saúde está precário, a falta de saneamento básico, o nível de pobreza em que se encontram a maior parte da população, a falta de moradia, a má alimentação, tudo isso são agravantes para este aumento se acentuar. Além de tudo isso, a falta de informação é o mais preocupante.

Apesar de tudo, tem o avanço tecnológico que está ajudando muito na melhoria da qualidade de vida dos portadores de necessidades especiais, com o surgimento de novos equipamentos que compensam a falta ou até mesmo a ineficiência de um membro. Também o surgimento de novos profissionais principalmente na área de reabilitação como fonoaudiólogos, fisioterapeutas, e terapeutas ocupacionais, e o bom trabalho realizado, faz com as diferenças entre as pessoas seja cada vez menores, até mesmo imperceptíveis.

Como se fosse uma reação em cadeia, tudo isso está fazendo lentamente com que a sociedade também se modifique, melhorando a vida das pessoas. Construindo e facilitando a vida de todos, quebrando barreiras arquitetônicas, sociais e educacionais.

Sob a visão na área de saúde, ao incluirmos e criarmos o hábito na população em praticar algum exercício físico, o gasto ao sistema irá cair, pois todos sabemos que a

doença diminui com esta prática, e não pode ser diferente também com a população com necessidades especiais.

Acreditamos que, as Academias podem ajudar muito, mas é um segmento onde o custo é muito alto a população em geral, não fazendo ainda parte da rotina do cidadão brasileiro.

Esta frase de Sasaki fica para o fechamento de nosso trabalho com um alerta e talvez a solução futura para nosso Mundo: Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. A integração do aluno com deficiência na rede de ensino. Brasília, 1994. 38p. v.1.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Educação especial: deficiente mental. Brasília, 1995. 150p.. v.3.

CAPINUSSÚ, José M.; COSTA, Lamartine P. da Administração e marketing nas academias de ginástica. São Paulo. Ibrasa,1989. 78f.

CASTELLANI FILHO, Lino Educação física no Brasil:a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 2000. 224p.

GLAT, Rosana Questões atuais em educação especial: a integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. v. 1. 54p.

_____. Inclusão total: mais uma utopia. Revista Integração, Rio de Janeiro. V.20, n.8, p 26-28, 1998.

LARIZZATTI, Marcos Fernando. Academias de ginástica: uma opção aos portadores de deficiência física? 1999. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

LIMA, Jorge Roberto P. de; GOMES, Paulo Sérgio C. Sugestões para elaboração de resumo de trabalho científico, Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.8, n.1, p.69-81, jan./jun.,1994.

MANTOAN, Maria Teresa E. Ensino Inclusivo :educação (de qualidade) para todos. Revista integração, v.20, n.8, p.9-11,1998.

PEREIRA, Guilherme B. Pacheco. Ginástica de academia: potência de ser e equilíbrio pessoal. 1996. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Marinês M. F. Academia : estrutura técnica e administração, 1996. Rio de Janeiro. Sprint, 199p.

RAMOS, Jair J. Os exercícios na história e na arte. São Paulo: Ibrasa, 1983. 348p.

RIBAS, João Baptista Cintra. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 103p.

SASSAKI, Romeu K. Jogos inclusivos: participantes portadores de deficiência com participantes sem deficiência. 2.ed. São Paulo: Prodef, 1997. 37p.

_____. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 3.ed. Rio de Janeiro: WVA.1999. 176p.

SILVA, Sheila A. P. dos Santos. A pesquisa qualitativa em Educação Física, Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.10, n.1, p.87-98, jan./jun. 1996.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA; FARIA JÚNIOR, Alfredo G. de, Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992. 150p. p.13-33.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha F. Abordagem de pesquisa em Atividade Física Adaptada. Campinas: Codesp,2000. 35p.

ABSTRACT

At the last years the attention on the people disabilities (PD) is becoming more evident. We can see through the history the PD have step by step take place as a true citizens and we know that all of them have rights as culture, education, job, sport and entertainment. Beside this, we tried to link the academy, by the way, this segment is increasing in our consumption society, and PD could be more productive in their jobs and consequently reach a better way of life.

We've interviewed 10 coordinators and academy owners in this sample we'll find the places prepared to work with PD, and the other hand places did not prepare to work with them.

The results showed us that just a some few part of PD are looking for the rehabilitation the causes are: there are no teacher prepared to work with them and the other is the academies are not prepared to development any activities with this population.

Our conclusion is: We can still see the exclusion for the PD in our community, and we have to accelerate of PD inclusion process.

ANEXO 1

ACADEMIA 1:

1- Movimento através da dança, consciência corporal, acredita na atividade física como desenvolvimento global do ser humano, tem que ser bem direcionado e o indivíduo tem que estar consciente do que ele está fazendo.

2- Ballet clássico e moderno, jazz, pesquisa com dança contemporânea, RPG, musculação, ginástica.

3- Trabalho com dor crônica, principalmente com recuperação de atletas e com limitações físicas, mas não são deficientes. Não tem procura de pessoas portadoras de necessidades especiais.

4- Não.

5- Não.

6- Não.

7- Possui barreiras arquitetônicas (2 lances de escada em caracol).

8- Não.

9- Não tem procura por PPD.

10- Acha importante desde que haja preparação do profissional, preparo das pessoas que frequentam o local para não haver desconforto de ambas as partes, a inclusão é muito difícil, há necessidade de um melhor preparo do profissional e a conscientização social para sua receptividade, convivência e aceitação.

ACADEMIA 2:

- 1- Fazer as pessoas nadarem e fazer musculação.
- 2- Hidroginástica; natação para gestante, bebês, crianças e adultos, musculação.
- 3- Aceita qualquer tipo de necessidade especial.
- 4- Com todas e no momento com dois autistas e um com Síndrome de Down.
- 5- Somos em 5 profissionais: 2 com Educação Física e Fisioterapia e 3 professores de Educação Física.
- 6- Fazem aula regular sem turma específica ou especial.
- 7- Infelizmente não, mas está em projeto.
- 8- Materiais utilizados em aula regular, prancha, flutuadores, aquatub, brinquedos.
- 9- Não como esperava. Em alguns momentos não pode aceitar pelo fator barreiras arquitetônicas.
- 10- Há uma grande distância entre a teoria e a prática. A inclusão é difícil em qualquer lugar, está se caminhando para um lado melhor. Falta de profissionais bem preparados, as academias usam como propaganda o corpo perfeito fazendo com que o PPD crie um obstáculo em ir para uma academia.

ACADEMIA 3:

- 1- Trabalhar a natação e a hidroginástica. Integrar o aspecto físico com o educacional da natação, visando o indivíduo como um todo.
- 2- Natação e hidroginástica, desde bebês até Terceira Idade.
- 3- Aceita desde que se adeque as aulas já existentes.
- 4- Síndrome de Down, Deficiente visual e auditiva, e atualmente com uma criança com uma Síndrome ainda sem diagnóstico.
- 5- Dois professores de Educação física e um Fisioterapeuta.
- 6- Aula regular e quando muito comprometido aula individual.
- 7- Poucas.
- 8- Os mesmos utilizados regularmente.
- 9- Tem, por estar perto da UNICAMP.
- 10- Acha que não tem problema, já apresentou problemas com preconceito por parte da família do PPD, a família queria aula especial. Os alunos, principalmente crianças, ficam curiosos num primeiro momento, mas depois passa.

ACADEMIA 4:

- 1- Condicionamento físico, melhorar o estilo da natação, desenvolver as qualidades físicas básicas.
- 2- Parte de água: natação e hidroginástica. Parte fora da água: musculação, spinning, ginástica, condicionamento físico.
- 3- Não.

- 4- Já trabalhou com indivíduos com baixa audição.
- 5- Só professores de Educação Física.
- 6- Não.
- 7- Não.
- 8- Não.
- 9- Não.
- 10- Tem que ter condições de receber tanto tecnicamente, como instalações e materiais específicos. O professor que vai ministrar a aula tem que ser especializado. A partir disso a socialização dentro do ambiente de aula, nos banheiros, nas salas é muito importante como acontecimentos em comum como cidadãos.

ACADEMIA 5:

- 1- Ensinar a nadar.
- 2- Hidroginástica, deep runner, e natação com muita procura de grupos de Terceira Idade, sala de artes.
- 3- Aceita alunos desde que sem grandes comprometimentos. Respeitando o espaço físico da academia.
- 4- Síndrome de Down.
- 5- Todos professores de Educação física e estudantes de Educação Física. Tem um Fisioterapeuta que aluga o espaço da piscina para terapias individuais com aulas específicas com problemas posturais.
- 6- Aula regular.
- 7- Algumas barreiras, como escada.

- 8- Os mesmos utilizados em aula regular.
- 9- Não.
- 10- A partir que dê para encaixar em turmas já existentes e que os alunos também aceitem. Tem que ser bem trabalhado a parte social quanto a receptividade deste aluno em aula, cuidado com o aluno PPD.

ACADEMIA 6:

- 1- Trabalhar a atividade física com o aluno aceitando qualquer tipo de trabalho desde que tenha condições para isso.
- 2- Atividades principais: natação, hidroginástica e biribol. Como trabalhos complementares: musculação, alongamento e socialização com todos os alunos.
- 3- O auditivo não tem experiência com o trabalho. O visual encaminha para outro local onde trabalha especificamente com esta necessidade especial. As outras deficiências aceita.
- 4- Deficiência mental, deficiente física e recuperação.
- 5- Sempre professores de Educação física.
- 6- Tem diferentes tipos de trabalho dependendo da necessidade especial. Crianças com Síndrome de Down fazem aula com as crianças do curso regular, sem diferenças no andamento da aula. Em outras necessidades pode ser feito um trabalho individual.
- 7- Não possui instalações adequadas mas possui alguns facilitadores como o guincho para colocar o aluno dentro da piscina.
- 8- Os materiais são os mesmos utilizados em aulas regulares.

- 9- Tem procura, apesar de ter diminuído de uns anos para cá, talvez pelo fato de existirem mais opções onde se trabalhe somente com necessidades especiais.
- 10- É muito bom, pena que os profissionais de Educação Física trabalhem com esta área por caridade e por intuição, sem conhecimento nenhum e estudos e pesquisas específicas nesta área de atividade física adaptada. Muitas vezes não tem retorno do trabalho feito e o aluno fica estabilizado sem ganhos para sua vida.

ACADEMIA 7:

- 1- Trabalhar com qualquer pessoa, seja portador de alguma necessidade especial ou não, integralizando todos e adaptando quando necessário.
- 2- Natação, hidroginástica, hidroterapia, balet, jazz, judô e ginástica localizada.
- 3- Aceita.
- 4- Deficiente físico e deficiente mental.
- 5- Professores de Educação Física e Fisioterapeutas.
- 6- Hidroterapia a princípio, e as pessoas que já estão adaptadas e incluídas fazem aulas regulares.
- 7- As instalações são adequadas mas não adaptadas.
- 8- Na água com materiais que utilizam-se em aulas regulares.
- 9- Tem pouca procura.
- 10- Para se trabalhar com a inclusão tem que haver preparo tanto de profissional, da sociedade e do próprio aluno. As Academias menores trabalham melhor do que as grandes Academias, pois elas visam mais a estética. As pessoas portadoras de

necessidades especiais têm receio de procurar por este tipo de trabalho, talvez pelo fato de a integralização ainda não existir.

ACADEMIA 8:

- 1- Oferecer atividade física para uma melhora no condicionamento físico, aprendizagem nos estilos de natação e treinamento.
- 2- Natação adulto e infantil, hidroginástica e hidroterapia.
- 3- Aceita.
- 4- Problemas neurológicos, deficiência física e alguns com comprometimentos mentais.
- 5- 2 fisioterapeutas, 3 professoras de Educação Física.
- 6- Hidroterapia, reabilitação e aulas recreativas.
- 7- Possui adaptações, como rampas de acesso, recepção ampla, escada para entrar na piscina adaptada e plataforma dentro da piscina.
- 8- Água com temperatura adequada, flutuadores dorsais, macarrão, brinquedos, bola, tapetes que flutuam.
- 9- Tem procura na maioria das vezes por pessoas da terceira idade; lesões ósseas e cardíacos.
- 10- O problema maior é o preconceito entre os próprios alunos, as crianças são menos preconceituosas possibilitando a integração social. Os adultos já preferem aulas individuais.

ACADEMIA 9:

- 1- Oferecer o trabalho de ensino e aprendizado da natação. Também promover o bem estar física e a prática de um esporte.
- 2- Natação e hidroginástica.
- 3- Aceita pessoas com necessidades especiais.
- 4- Autistas, Síndrome de Down, deficiente visual e auditivo.
- 5- 2 Professores de Educação Física e um estagiário que está cursando a Faculdade de Educação Física.
- 6- Os autista e as crianças com Síndrome de Down, as aulas são em grupo com turmas regulares. Tem uma aluna com deficiência visual em decorrência da diabete gosta de fazer aula individual, trabalhando mais movimentos, caminhadas, esquema e consciência corporal.
- 7- As instalações não foram feitas para receber este público, mas não teve nenhum problema por enquanto.
- 8- Macarrão, prancha, halteres, e todo material utilizado numa aula regular.
- 9- Não tem procura.
- 10- O trabalho tem bons resultados, as pessoas portadoras de necessidades especiais vêm as outras pessoas fazendo e melhoram bastante. As pessoas não procuram as vezes por medo de serem rejeitadas.

ACADEMIA 10:

- 1- Condicionamento físico, prevenção e reabilitação.

- 2- Deep water running e musculação.
- 3- Aceita.
- 4- Deficiência física.
- 5- 1 Fisioterapeuta e 4 professores de Educação Física.
- 6- Adapta o grupo e os exercícios. Trabalho sempre em grupo. É feita a integração ao grupo.
- 7- Infelizmente não, possui barreiras arquitetônicas.
- 8- Flutuadores, luvas, halteres, e todo material utilizado em aula regular.
- 9- Tem bastante procura.
- 10- Seria muito bom acontecer e pela experiência que tem, quando uma pessoa portadora de necessidade especial os procura, chega triste, deprimida e depois de duas semanas estão outra pessoa. Com isso a parte psicológica e a parte física também melhora. Este indivíduo se integra ao grupo e todos ganham.

ANEXO 2

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ tenho pleno conhecimento de que as informações colhidas a respeito desta Academia, durante este estudo para a Monografia do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, serão utilizadas para investigações referentes a estes tipos de achados.

Declaro concordar com tal utilização, sabendo que estará assegurado sigilo pessoal quanto aos dados e ao nomes da Academia e do informante.

Campinas, _____ de _____ de 2001.

Assinatura.

ANEXO 3

Campinas, ____ de _____ de 2001.

Eu Beatriz Carvalho Jayme Espíndola, aluna do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, declaro manter sigilo pessoal quanto aos dados e ao nome da Academia e do informante.

Beatriz Carvalho Jayme Espíndola